

MESTRE JOSÉ FRANCO

- O HOMEM E A OBRA





MESTRE JOSÉ FRANCO

– O HOMEM E A OBRA

CÂMARA MUNICIPAL DE MAFRA

MESTRE JOSÉ FRANCO

– O HOMEM E A OBRA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE
Câmara Municipal de Mafra

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Irina Alexandra Lopes

AUTORIA DE TEXTOS
Diogo Batalha
Maria Manuel Bringel

FOTOGRAFIAS E PEÇAS
Arquivo Particular da Família José Franco
Câmara Municipal de Mafra / João Oliveira Silva
Espólio da Aldeia-Museu José Franco [pág. 52]
Espólio do Museu Municipal Prof. Raúl de Almeida [págs. 60 a 91]

COPYRIGHT (textos e imagens)
Câmara Municipal de Mafra e Autores

DESIGN
Rita Martins

IMPRESSÃO E ACABAMENTO_Caflesa, Soluções Gráficas

TIRAGEM_1000 exemplares

ISBN_ 978-972-8204-67-9

DEPÓSITO LEGAL _ 497997/20



5	Mensagem do Presidente da Câmara Municipal de Mafra
6	José Silos Franco
8	Helena Franco
9	A Aldeia-Museu José Franco
11	O HOMEM – Fotobiografia
49	A OBRA – José Silos Franco e o Figurado de Barro Mafrense
92	Bibliografia



Homenagear José Franco é fazer um triplo tributo: primeiro, é evocar o trabalho de gerações de oleiros que souberam honrar uma imemorial tradição que constitui um elemento irrefutável da identidade do Concelho de Mafra; segundo, é reconhecer a genialidade do saudoso artista que, fazendo a transposição do utilitário para o simbólico, foi precursor do figurado de barro; terceiro, é recordar o contributo do filho da terra que recriou o modo de viver da região saloia na sua Aldeia-Museu – esse “pequeno mundo” moldado pelas suas mãos que, ainda hoje, cativa as crianças.

Por ocasião da celebração do centenário do nascimento do ilustre barrista do Concelho de Mafra, a Câmara Municipal pretende eternizar o seu legado através desta singela publicação, editada com a participação da família de José Franco.

Esta publicação é, aliás, parte de um trabalho mais alargado de preservação, divulgação e valorização da produção oleira local, o qual está a ser dinamizado no âmbito da recente adesão à Associação Portuguesa de Cidades e Vilas de Cerâmica, da qual Mafra é Município fundador. Esta é a primeira iniciativa estratégica, proveniente do território português, para promover a tradição e a inovação cerâmicas de um país que é, neste momento, o principal produtor na Europa e um dos principais exportadores para todo o mundo.

Faço votos de que, ao folhear estas páginas, os leitores sejam desafiados a conhecer a obra daquele que é, para os mafrenses, o eterno “Mestre” do barro.

O Presidente da Câmara Municipal de Mafra,
Hélder Sousa Silva

JOSÉ SILOS FRANCO

José Franco notabilizou-se com as figuras de barro e a criação da Aldeia-Museu. As suas figuras hoje estão distribuídas por todo o mundo. A sua Aldeia-Museu constitui uma das mais importantes atrações turísticas concelhias.

É indiscutível que José Franco foi o mais versátil e notável barrista mafrense de todos os tempos. O seu trabalho tem exercido uma influência determinante na atual produção de figurado.

José Silos Franco nasceu a 19 de março de 1920, no Sobreiro, Mafra, no seio de uma família numerosa e de escassos recursos. O seu pai era sapateiro de *obra fina*, também homem com aptidão para a versificação, e a sua mãe, mulher sempre jovial, filha de oleiro, era vendedeira de loiça.

Apesar das vicissitudes que rodearam a sua infância, considerou que foi uma criança feliz e despreocupada.

Desde muito pequeno acompanhava a mãe nas viagens de venda da loiça por feiras e mercados estremenhos e ribatejanos.

Cerca dos 10 anos de idade, após deixar a escola, José Franco foi aprender o ofício de oleiro com o Tio António da Joana, a quem a sua mãe comprava a loiça que vendia pelas feiras. Nesta olaria produzia-se vasilhame fora de vulgar, como moringues decorados e garrafas antropomórficas e zoomórficas. Era ainda depois de um duro dia de trabalho que José Franco praticava a mestria do torno de oleiro.

Foi nesta olaria que começou a fazer umas peças pequeninas (miniaturas) e uns bonequinhos, uns burrinhos. Vendia essa loiça ao patrão. Também chegou a trabalhar para o mestre Tio Canaverde, no Sobreiro, para quem pintava loiça.

Aos 17 anos, recuperou a olaria do avô e começou a trabalhar por conta própria. Desde logo, as suas loiças, que a mãe vendia, começaram a diferenciar-se das demais pela introdução de motivos ornamentais e dos vidrados de acentuada policromia.

A certa altura, o figurado ganhou autonomia e tornou-se um veículo de representação do universo do artista. As pessoas foram muito recetivas à novidade do figurado e as peças começaram a ter grande saída. É de referir que, por esta altura, teve uma curta passagem por Caldas da Rainha, onde conviveu com o Mestre Elias.

No início da década de 1940, a sua oficina começou a ser frequentada por artistas e intelectuais da época, caso de Fernanda de Castro, Leitão de Barros, Matos Sequeira, António Ferro, entusiastas apreciadores do carácter singular das suas produções. Nesse seguimento, em 1940 foi convidado a participar na Exposição do Mundo Português, evento que o lançou nos meandros do artesanato e lhe angariou a fama.

Um ano mais tarde, a 11 de outubro, casou com Maria Helena, presença determinante na vida de José Franco. Era a esposa que se ocupava dos trabalhos de pintura, enformamento e vidrado das peças, das vendas das

loijas e, mais tarde, da gestão do património familiar e da Aldeia-Museu.

Da década de 1950 formou sociedade, que durou 10 anos, com a Cerâmica dos Leitões, uma fábrica de tijolo perto do Seixal.

Após este interlúdio, dedicou-se à realização de um antigo sonho que sustentava desde meados dos anos 40 do século XX, a edificação da sua *Aldeia-Museu*.

Segundo o autor, as figuras que produzia caíam em três categorias completamente diferentes que ele apelidava de *Arte Sacra* – imagens de Santos, presépios e tudo o que diz respeito ao Divino; *Arte Popular* – representações de tipos populares, que exprimem o quotidiano e as vivências das gentes locais; e *Arte Satírica* – os prazeres, os excessos do corpo, o Profano.

As suas peças viriam a influenciar as criações de outros barristas da região, que hoje representam os mesmos temas.

As suas fontes de inspiração são diversas. Na produção das peças religiosas é reconhecível o fascínio que a estatuária do Palácio Nacional de Mafra, a magnífica obra da Escola de Escultura de Mafra, exerceu sobre ele. Mas José Franco teve outras fontes inspiradoras, como seja a visão do mar, não dispensando uma visita quase diária à Ericeira. Também a vida real, as pessoas com quem se cruzava e convivia lhe serviam de inspiração e de modelo às suas peças; representações expressivas em barro do seu universo de referência.

Através do percurso da sua vida estabeleceu uma relação profunda com Deus e o barro, expressa no seu trabalho e também nas suas visões alegóricas da vida, em que Deus é equiparado ao oleiro, sendo nós humanos o barro. Aliás, segundo sustentava, o barro é o elemento da criação mais importante, pois tudo volta sempre à origem, à terra, ao barro.

Participou em inúmeros certames e exposições, tendo sido contemplado com imensos prémios e condecorações honrosas. Destaca-se, nomeadamente, o 1.º Prémio no 1.º Concurso Nacional de Artes e Ofícios (1954), Medalha de Bronze no III Salão Antoniano (1966), o Grau de Cavaleiro da Ordem de Santiago da Espada (1980), *Artesão do Ano* e *Casal de Artesãos* no 5.º Salão Nacional de Artesanato do Casino Estoril (1985), Diploma e Medalha de Honra de Mérito Turístico, atribuídos pela Junta de Turismo da Ericeira (1992), Medalha de Honra do Município de Mafra (1996), recebeu a Bênção Apostólica das mãos do Papa João Paulo II (1988) e a Comenda da Ordem do Infante Dom Henrique (2000).

José Franco faleceu a 14 de abril de 2009, aos 89 anos de idade, deixando uma vasta e importante obra, tendo sido, sem dúvida, um dos grandes mestres artesãos do século XX.

José Franco assinava:

JSF, José Franco ou José Silos Franco

HELENA FRANCO

Diz-se que por detrás de um grande homem há sempre uma grande mulher. E, efetivamente, Helena Franco teve uma influência determinante na vida e obra de seu marido, o Mestre José Franco, e que não lhe pode ser dissociada.

Helena da Conceição Ferreira nasceu a 27 de março de 1922, na Fonte Santa, Mafra, no seio de uma família de agricultores.

Aos 18 anos conheceu o jovem José Silos Franco, que desde cedo reconheceu em Helena as qualidades de esposa e companheira que tanto desejava.

Inicialmente viveram um namoro contrariado, devido às origens humildes de José Franco, mas que, ultrapassadas as dificuldades culminou no seu casamento a 11 de outubro de 1941, permanecendo unidos até ao falecimento da esposa, em 1990. Desta união nasceu uma filha, Maria Susete Ferreira Franco, em 1942.

Ao longo da vida do casal, esta mulher dinâmica desempenhou o seu papel de esposa, mãe, avó, mas também de colaboradora, pois era Helena Franco que pintava e enfeitava as figuras de barro que o marido executava; foi autora da decoração de muitas das peças utilitárias e decorativas saídas da olaria de José Franco e era ela que tinha a seu cargo a gestão da Aldeia-Museu.

Possuidora de uma capacidade de trabalho invulgar, Helena conseguia garantir as condições ideais para que o génio criativo de seu marido ganhasse asas, mas ela sabia também "chamá-lo à terra" quando as circunstâncias assim o exigiam. Invocando as palavras do Mestre: "Completávamo-nos na perfeição. Éramos como dois pólos de energias opostas, mas que quase sempre convergiam para uma capacidade dobrada de ação comum".

Juntos, José e Helena tornaram realidade um sonho comum, dando forma e consolidando a obra de vulto que a Aldeia-Museu José Franco constitui para o Concelho de Mafra, enquanto espaço museológico e etnográfico onde a memória das populações locais ficou cristalizada. Um espaço educativo e lúdico dedicado, especialmente, às crianças, onde o saber-fazer e o brincar se tornam uma referência para a construção da identidade cultural. Desde a sua criação, a Aldeia-Museu tem sido um local de passagem obrigatório, visitado todos os anos por largos milhares de pessoas, de todas as idades e nacionalidades.

A ALDEIA-MUSEU JOSÉ FRANCO

Ser saloio é antes de mais nada ter a coragem de não ter medo, é ser a formiga da fábula com a cigarra, sem nunca ter ouvido falar em La Fontaine. (Beatriz Costa)

Em meados dos anos 50 do século XX, já o oleiro José Franco se afirmava na sua arte. Com a determinante ajuda de sua mulher Helena, sua incansável companheira no trabalho, na arte e na vida, eis que o casal, confiante, inicia um projeto ímpar e visionário: a construção de um museu vivo da sua terra.

Unindo um profundo amor pelas suas raízes, decidiram começar a dar forma a este sonho antigo. O objetivo era preservar e divulgar as artes e ofícios, a arquitetura, os usos e os costumes do fim do século XIX e princípio do século XX, da dita região saloia.

E assim, alimentado pela energia de quem gosta daquilo que faz, José Franco foi juntando uma peça aqui, comprando outra peça acolá, acabou por construir assim uma Aldeia-Museu, que representa hoje uma referência no panorama turístico e que é um ponto de paragem obrigatório de largos milhares de pessoas.

Para além de rapidamente se ter tornado um atrativo destino de visita, a Aldeia-Museu José Franco começou também a afirmar-se como um espaço de referência museológica no quadro nacional, um local de enorme

riqueza etnográfica, onde se perpetua a memória de uma identidade preciosa em profunda transformação.

Com naturalidade e singeleza, mostra-se a vida, a alegria e a festa que tão bem sabem os *saloios* desfrutar. É exactamente esse mostrar tão ingénuo da diferença, desse modo de viver e de estar, tão próprio e tão autêntico que encanta os passantes desprevenidos. O esforço do Homem para se ajustar a um ambiente, a um clima e a uma região, está ali exposto com uma ternura e uma minúcia apaixonantes.

Logo à entrada, são agradáveis motivos de apreço o moinho e a azenha, peças de arquitetura que marcam as paisagens da região, os fornos a lenha, de onde resulta o tão afamado e apreciado Pão de Mafra, a curandeira, para uns santa e para outros bruxa, o lagar de vinho com a sua vara imponente, o boticário, o relojoeiro, o barbeiro que também era dentista, a escola primária onde nem sequer falta a "menina dos 5 olhos", o funileiro, o ferreiro, o açougue, o mestre carpinteiro, o porto de pesca (a sua querida Ericeira), as cozinhas quentes e cheirosas...

Isto, sem esquecer, naturalmente, um notável espaço lúdico que também representa o universo de referência do seu criador; trata-se das aldeias em miniatura movidas a água e ternura, cujo encanto e pormenor permitem transportar para esse mundo maravilhoso de José Franco aquelas que, afinal de contas, são as destinatárias primeiras da sua obra: as crianças.

Há em toda a sua obra uma poderosa mensagem de extrema atualidade que merece ser desvendada: a beleza simples de uma junta de bois a lavar a terra ou do padeiro a amassar o pão, tinha para José Franco muito mais do que o mero interesse antropológico, representava, acima de tudo, o exemplo de respeito e equilíbrio necessários entre o Homem e a Natureza.

Temas como a sustentabilidade, a preservação do meio ambiente, o respeito pela hora solar, a valorização das tradições, a preocupação estética relativamente às nossas vilas e cidades, a vocação turística do nosso país, que nos dias que correm são bandeiras de consenso, já germinavam no espírito de José Franco há 60 anos atrás.

A Aldeia parece uma Festa, no colorido, na graça, no riso, na Invenção que nasce das mãos desse homem modesto e simples, que, no entanto, é ao mesmo tempo sábio de profundo conhecimento e traz no coração e nos dedos o dom da criação. (Jorge Amado)





O HOMEM

FOTOBIOGRAFIA

© Homem Cardoso

As fotografias deste capítulo pertencem ao Arquivo Particular da Família José Franco

**1. José Franco na recruta**

Fotografia a preto e branco

Autoria: desconhecido

1941

13,5 cm x 8,5 cm

**2. Fotografia de José Franco em jovem**

Dedicatória (verso): *Ofereço a minha fotografia como prova de verdadeiro amor que dedico à minha sempre futura/ aos 20 anos / 27-do-6-1940 / José de Silos Franco Júnior.*

Fotografia a preto e branco

Autoria: desconhecido

27 de junho de 1940

7,5 cm x 4,8 cm

(fábrica e alto branco)

Caderneta Militar

DE José Silos Franco

Número da matrícula 411 A 3238

CLASSE 1ª

Arma ou serviço (c) Infanteria

(a)  (b) 

Altura 1,670
= recf. P.

Sinais particulares

(a) Impressão digital
(b) Fotografia
(c) Arma ou serviço a que pertence, escrito a vermelho.

Esta página é destinada ao registo do adicionalmente, supressão e substituição de filiais.

Escola Prática de Infantaria

Comp.ª de Borgueiros

Identidade do Soldado
desta Comp.ª, N.º 956 41
José Silos Franco

Natural de Maфра Concelho de Maфра

Distrito de Maфра Nascido em 19 Março 1920

Filho de José Silos Franco
e de Luísa do Nazareth



(fábrica e alto branco)

Estado civil

Data 19 de Março de 1920

Concelho Maфра

Freguesia Maфра

Local Maфра

Pai: José Silos Franco

Mãe: Luísa do Nazareth

Estado solteiro

Casou com Helena da Conceição em 11 de Outubro de 1941

Recenseado pelo Concelho

freguesia de Maфра

sob o número 38 em 1920

Estado militar

Resultado da inspecção sumária do livro de recrutamento
Toda a classe milita

Alistado em 11 de Setembro 1940

Incorporado em 8 de Novembro 1941

Como Recrutado

Número de

Subs. G. P. N. Causa R. S. E. Subs. G. G. Ap. DE. Med.

Sortido 68 dias, ausência a 10

Pronto da escola de recrutas em 31 3 1942

Passeagem

Disponibilidade	Tropas licenciadas	Tropas territoriais
Em <u>14 2 1942</u> Em <u>12 1 1942</u> Em <u>1 1 19</u>	por <u>to. licenciado</u> por <u>to. licenciado</u> por <u>to. licenciado</u>	por <u>to. licenciado</u> por <u>to. licenciado</u> por <u>to. licenciado</u>

Realza de serviço em 1 1 19 por

FILHOS

Nomes	Sexo	Data
<u>António Augusto Francisco Franco</u>	<u>M</u>	<u>1941</u>

Profissão Alfaiate

Encorporado em 8 de Novembro de 1941

Terminou a sua instrução de recruta em 18 de Fevereiro de 1942, com a Especialidade de Servent de monteiro



Assinatura José Silos Franco

Comandante da Escola Alcides Botelho

Quartel em Maфра, 6 de Setembro de 1942

3 e 4. Caderneta Militar (frente e verso)

Papel e fotografia a preto e branco

1941

10 cm x 14,7 cm

5 e 6. Bilhete de identificação militar (frente e verso)

Papel e fotografia a preto e branco

Maфра, 6 de dezembro de 1942

8 cm x 11,3 cm



**7. José Franco com equipa de oleiros e serventes,
junto à casa onde nasceu e à olaria que recuperou de seu avô**

Fotografia a preto e branco

Autoria: desconhecido

Sobreiro, década de 1940

15 cm x 20 cm

8. Na década de 1950 a olaria de José Franco contava com cerca de 15 colaboradores, entre oleiros e serventes

Fotografia a preto e branco
 Autoria: Fotografia cedida pelo
 Mestre Oleiro Adelino Silva
 Sobreiro, 1951
 9 cm x 14 cm

1. Armando Portela
2. Manel Cabecinha
3. Arlindo Chanca
4. Manuel Querido
5. José Franco
6. Evaristo
7. João Chanca
8. Carlos Ferreira
9. Aires Leitão
10. Adelino Silva
11. Elvino Antunes
12. Silva



9. Helena e José Franco no vão da porta de sua casa, junto à olaria. Em baixo, à esquerda, a filha de ambos, Susete, com cinco anos de idade

Fotografia a preto e branco
 Autoria: desconhecido
 Sobreiro, 1947
 9 cm x 6 cm



10. Fotografia de José Franco

Fotografia a preto e branco

Autoria: Desconhecido

Década de 1950

13,5 cm x 8,4 cm





11. Fotografia do casal Franco (reprodução)

Fotografia a preto e branco

Autoria: Foto Gomes

Mafra, década de 1950

18 cm x 23,3 cm



12. Aldeia-Museu de José Franco. O início do sonho.

Em 1960 o casal Franco iniciava a construção da sua Aldeia-Museu.

O atelier onde o casal trabalhava foi o ponto de partida. Estrategicamente edificada à beira da EN116, convidava os passantes a parar e a conhecer as peças expostas na eira mesmo em frente

Fotografia a preto e branco

Autoria: Granja Fotógrafo, Sintra

Sobreiro, década de 1960

11,5 cm x 17,3 cm



13. Visita do Presidente do Conselho do Estado Novo, Marcelo Caetano, à Aldeia-Museu

Fotografia a preto e branco

Autoria: desconhecido

Sobreiro, 1971

17,5 cm x 23,2 cm



14. O casal, Helena e José Franco trabalhando juntos

Fotografia a preto e branco

Autoria: desconhecido

Década de 1970

12,5 cm x 17,5 cm



15. José Franco a modelar
Fotografia a preto e branco
Autoria: desconhecido
Sobreiro, década de 1970
11,5 cm x 7,8 cm



17. José Franco com grupo de amigos. Em 1978 Jorge Amado era uma personalidade muito popular em Portugal, pois a sua novela *Gabriela Cravo e Canela* tornara-se um estrondoso sucesso televisivo. Aqui vemos-lo com José Franco, Lyon de Castro, editor das Publicações Europa-América, e Beatriz Costa, em mais uma visita à Aldeia-Museu, no Sobreiro

Fotografia a cores
 Autoria: desconhecido
 1978
 12,5 cm x 8,9 cm

16. José Franco e Beatriz Costa. Dois "saloios de gema", compadres, amigos, cúmplices, orgulhosos e determinados em defender as suas raízes

Fotografia a preto e branco
 Autoria: desconhecido
 Sobreiro, década de 1970
 21 cm x 16 cm



18. O casal Franco na Ericeira

Fotografia a preto e branco

Autoria: desconhecido

Ericeira, década de 1970

11,3 cm x 7,9 cm



19. José Franco e o mar da Ericeira.

Deslocando-se todas as manhãs à Ericeira,
comprava o almoço e partilhava conversas
com pescadores e varinas.

Dizia que a maresia e esse convívio lhe davam
a inspiração para pegar no barro

Diapositivo de 35 mm

Autoria: desconhecido

Ericeira, década de 1970



20. José Franco
junto à casa onde nasceu
Diapositivo de 35 mm
Autoria: desconhecido
Sobreiro, década de 1970



21. José Franco com Jorge Amado e os netos, Pedro e Diogo

Fotografia a preto e branco

Autoria: desconhecido

Sobreiro, 1978

12,3 cm x 8,3 cm



22. José Franco e o seu amigo Jorge Amado

Fotografia a preto e branco

Autoria: desconhecido

Sobreiro, década de 1970

8,5 cm x 11,5 cm



23. Exposição de Artesanato do Estoril. Em 1978, a Galeria de Arte do Casino do Estoril, dirigida pelo Dr. Nuno Lima de Carvalho, convidava, pela primeira vez, José Franco para uma exposição individual. O sucesso mediático e a afluência de público foram marcantes (esq. para a dir, Helena Franco, José Franco, Dr. Lima de Carvalho, Zélia Gattai, Jorge Amado, Francisco Lyon de Castro)

Fotografia a preto e branco

Autoria: desconhecido

Casino Estoril, agosto, 1978

18 cm x 23,3



24. José Franco a modelar uma figura

Diapositivo de 35 mm

Autoria: desconhecido

Sobreiro, década de 1980



25. Helena Franco a pintar
uma peça de loiça
Diapositivo de 35 mm
Autoria: desconhecido
Sobreiro, década de 1980



26. Helena Franco a pintar uma peça de figurado

Diapositivo de 35 mm

Autoria: desconhecido

Sobreiro, década de 1980



27. Visita de Manuela Ramalho Eanes e do pintor e ceramista Manuel Cargaleiro ao stand de José Franco na I Exposição Nacional de Artesanato, realizada no Casino do Estoril, de 21 de novembro a 1 de dezembro de 1981

Fotografia a cores

Autoria: desconhecido

Lisboa, Casino do Estoril, novembro de 1981

17,5 cm x 25 cm



28. Visita do Presidente da República, General Ramalho Eanes, à Aldeia-Museu.

Nesse ano a Presidência da República Portuguesa atribuiu a José Franco o Grau de Cavaleiro da Ordem de Santiago de Espada

Fotografia a cores

Autoria: desconhecido

Sobreiro, década de 1980

10 cm x 15 cm



**29. Oferta de uma imagem de Santo António por José Franco ao
Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro**

Fotografia a cores

Autoria: desconhecido

Lisboa, década de 1980

14,5 cm x 20 cm



**30. O casal Franco
à porta da azenha**
Fotografia a preto e branco
Autoria: desconhecido
Sobreiro, década de 1980
17,9 cm x 12,5 cm



31. O casal Franco junto à casa onde o Mestre nasceu e que ele próprio fez questão de reabilitar, respeitando a traça arquitetónica original

Fotografia a cores

Autoria: desconhecido

Sobreiro, década de 1980

10 cm x 15 cm



**32. O casal Franco
a trabalhar no atelier**

Positivo

Autoria: desconhecido

Sobreiro, década de 1980

6 cm x 7 cm



33. José Franco junto à Aldeia-Museu

Fotografia a preto e branco

Autoria: desconhecido

Sobreiro, década de 1980

18 cm x 23,5 cm



**34. Pormenor das mãos
de José Franco**

Fotografia a cores
Autoria: desconhecido
década de 1980?
(medidas não disponíveis)



35. José Franco na Aldeia-Museu, poucos dias após o falecimento da sua mulher Helena

Fotografia a cores

Autoria: António Jorge

Sobreiro, dezembro, 1990

12,5 cm x 17,7 cm



36. Oferta de peça de figurado ao Santo Papa, João Paulo II, pelo Comendador Rui Vilar

Fotografia a cores

Autoria: Artístico 2000 s.a.s. di R. Rizzari

Vaticano, década de 1990

20 cm x 24,6 cm



37. Homenagem prestada a José Franco, numa iniciativa conjunta da Liga dos Amigos do Sobreiro, da Câmara Municipal de Mafra, com o apoio da Presidência da República. Neste âmbito foi atribuída ao Mestre José Franco pela edilidade mafrense a Medalha de Honra do Município de Mafra

(esq. para a dir. Coronel Aníbal Rodrigues da Silva, Jorge Amado, [?], Governador Civil de Lisboa, Dr. Alberto Manuel Avelino, José Franco, representante da Presidência da República, Vice-presidente da Câmara Municipal de Mafra, Gil Sardinha, Presidente da Assembleia Municipal de Mafra, Custódio Rodrigues Alves, [?], Dr. Renato Júlio Ivo da Silva)

Fotografia a cores

Autoria: M. Coutinho

Auditório Beatriz Costa, Mafra, 10 de março de 1996

10 cm x 15 cm



38. Visita de Kofi Annan, Secretário-Geral da ONU, à Aldeia-Museu

Fotografia a cores

Autoria: Arquivo da Câmara Municipal de Mafra

Sobreiro, fevereiro, 1995

10 cm x 14,9 cm



39. Visita pessoal do Primeiro-Ministro, António Guterres, à Aldeia-Museu, enaltecendo o "esforço e a dedicação na defesa da cultura no nosso país"

Fotografia a cores

Autoria: Diogo Batalha

Sobreiro, outubro, 1998

9,8 cm x 15 cm



40. Visita do Prof. José Hermano Saraiva à Aldeia-Museu, uma amizade de longas décadas que se reforçava a cada visita. O Prof. José Hermano Saraiva, profundo conhecedor da História e da Cultura de Portugal identificou precocemente o valor e a genialidade da obra de José Franco, dedicando-lhe numerosas referências em artigos e documentários televisivos

Fotografia a cores

Autoria: Arquivo do jornal *O Carrilhão*

Sobreiro, década de 1990

10 cm x 15 cm



41. Atribuição da Comenda da Ordem do Infante D. Henrique

(esq. para a dir. José Franco, o Presidente da Assembleia da República, Dr. Almeida Santos, e o Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio)

Fotografia a cores

Autoria: Orlando Teixeira

Viseu, 10 de junho de 2000

17 cm x 25,5 cm



**42. José Franco a tocar acordeão,
uma das suas grandes paixões**
Fotografia a cores
Autoria: Arquivo do jornal *O Carrilhão*
Sobreiro, 2000
15 cm x 10 cm



43. José Franco com dois bons amigos e visitas regulares de sua casa: o Padre Vitor Milicias e o Mestre Soares Branco

Fotografia a cores

Autoria: desconhecido

16 de maio de 2001

9,8 cm x 15 cm



44. Visita de Xanana Gusmão, Presidente da República de Timor, à Aldeia-Museu, a quem José Franco ofereceu uma Nossa Senhora da Paz, com especial dedicatória ao Povo de Timor

Fotografia a cores

Autoria: Arquivo do jornal *O Carrilhão*

Sobreiro, 31 de dezembro de 2001

10 cm x 15 cm



45. Inauguração do busto de José Franco, da autoria do Mestre Domingos Soares Branco, escultor e seu amigo

Fotografia a cores

Autoria: Rogério Batalha

Sobreiro, 12 de outubro de 2002

10 cm x 15 cm

46. José Franco com o bisneto
Henrique Batalha
Imagem digital
Autoria: Pedro Batalha
Sobreiro, 2003



47. José Franco
com dois dos três bisnetos
(esq. para a dir. Afonso Batalha,
José Franco e Gustavo Batalha)
Imagem digital
Autoria: Diogo Batalha
Ericeira, 25 de dezembro de 2008





A OBRA

JOSÉ FRANCO
E O FIGURADO
DE BARRO MAFRENSE

JOSÉ FRANCO E O FIGURADO DE BARRO MAFRENSE

O Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo. (Génesis, 2, 7)

INTRODUÇÃO

A atual produção de figurado de barro, associada a Mafra, é um fenómeno que se prende com a existência de uma ainda florescente indústria oleira dentro do panorama nacional. A olaria artesanal é reconhecida como uma das atividades mais notórias deste concelho desde tempos imemoriais. Ao longo de séculos, os traços desse mester são evidentes, seja nos achados cerâmicos resultantes de escavações arqueológicas, como em documentação histórica em torno da história da Vila de Mafra e da construção do Convento de Mafra, que teria causado um forte incremento na atividade oleira concelhia (GANDRA, 1999a; LEÃO, 1998). Por seu turno, a olaria mafrense tem vindo a desempenhar um papel de relevo pelas ligações comerciais que se desenvolveram com as regiões circundantes, emergindo já no século XIX como um centro oleiro de remonta, fazendo-se sentir a presença das famosas loiças de Mafra pelas muitas feiras e mercados da vasta região estremenha e ribatejana, assinalada por vários autores (FELGUEIRAS, 1965), fazendo alusão à particularidade das loiças do Sobreiro, pelo seu colorido e expressão local. Das olarias mafrenses saíam também muitas das loiças que abasteciam a capital, caso das famigeradas bilhas de Caneças, entre outras.

Atendendo a estes fatores, poder-se-á considerar que esta atividade tem constituído de há longa data um dos elementos mais significativos e irrefutável da identidade mafrense.

À semelhança de outros centros oleiros do país, por forças que lhe foram adversas, nomeadamente a industrialização e a introdução de comodidades modernas na vida quotidiana, sobretudo a partir de meados do século XX, com especial incidência nas três décadas derradeiras, a produção predominantemente utilitária dos centros oleiros locais ficou sob pressão. Tal conjuntura levou os oleiros a recorrerem a outros tipos de produção para assegurarem a sobrevivência da indústria artesanal local.

Neste contexto, a indústria oleira mafrense revela-se através de outros tipos de produção; embora ainda a utilitária (mas de cariz mais industrial, em muitas olarias produzida já em máquinas de moldes), a decorativa e o *figurado de barro*, expressões que se complementam de algum modo interrelacionadas, devido à maneira como surgiram e se implantaram. Todavia, será igualmente importante ponderar sobre a forma como, no caso da cerâmica decorativa e, em especial, do figurado de barro, o elemento estético é introduzido no objeto e sobre as motivações que levam o seu criador a fazê-lo. Porém, parece importante ressaltar que a olaria mafrense, em especial a vertente do figurado, tem sido uma área de investigação lacunar, em que os estudos sobre a sua evolução e tendências são escassos. A maioria dos trabalhos são publicados após a década de 1940 e os que são anteriores a essa data não contemplam a olaria do concelho, pelo que um estudo aprofundado sobre esta temática seja difícil e as conclusões algo prematuras¹.

No entanto, a evidência patente tanto nos escassos trabalhos sobre olaria mafrense, como na observação sistemática das peças e informações recolhidas junto da comunidade oleira, apontam para um padrão de evolução idêntico a outros pontos do país², em que o elemento utilitário se desdobrou, por sua vez, em decorativo e figurado, embora as razões por detrás desta passagem do utilitário ao decorativo e ao figurado permaneçam em aberto³. Ao lado das loiças utilitárias começam a aparecer miniaturas, apitos e pequenos instrumentos musicais e alguns bonecos pintados em cores garridas, cativando o olho da clientela infantil.

Para grande parte dos autores, esse processo ecoa a necessidade de adaptação da indústria a novas exigências do mercado, o que, sem dúvida, se enquadra numa leitura do fenómeno à luz da globalização (PORTELA, 1997a).

O caso do figurado mafrense não se configura como uma atividade alternativa à olaria utilitária, mas complementar às novas tendências que se desenvolveram no seio da indústria oleira atual. Os depoimentos dos seus produtores são concordantes: para a maioria deles, a produção do figurado não é economicamente sustentável a tempo inteiro e a respetiva escassez de ganhos leva a que recorram a outras atividades no âmbito da olaria ou mesmo fora dela. Com efeito, o Mestre José Franco foi uma das exceções à regra, tendo trabalhado exclusivamente

na produção de figurado de barro e modelado milhares de peças ao longo da sua vida, as quais se encontram distribuídas por coleções particulares e até em museus de todo o mundo, constituindo a sua obra da Aldeia-Museu no Sobreiro um dos pontos de grande atração turística no Concelho de Mafra.

Será oportuno frisar que a modelação de figuras e a representação do mundo em barro parece ser uma tendência artística humana milenar. Qualquer criança com acesso a materiais de modelação manifesta o desejo natural de representar os objetos e os seres que a rodeiam. Aliás, esta é uma constatação consonante com as histórias de vida dos barristas mafrenses, que referenciam a tendência para executar figuras em barro logo em crianças.

Assim, uma reflexão sobre o figurado mafrense não se pode enquadrar numa perspetiva meramente economicista, mas terá de ter também em conta a motivação que está subjacente à sua produção por parte dos autores.

O SURGIMENTO DO FIGURADO

Apesar de tudo indicar que a evolução do utilitário para figurado, em Mafra, tenha decorrido durante o século XX, factos apontam para uma fase intermédia, com o surgimento de artefactos multifuncionais, evocativos de formas naturalistas, caso das garrafas antropomórficas e zoomórficas.

O vasilhame representando formas antropomórficas, em que o vaso cerâmico é comparado com a figura humana é uma tendência universal na cerâmica, persistente desde a antiguidade (PEIXOTO, 1966: 31-32). À semelhança de outros centros oleiros⁴, a introdução do elemento figurado na loiça utilitária mafrense parece ter constituído um período de transição, no qual o oleiro introduz motivos decorativos ao artefacto utilitário, que derivam posteriormente em figurado. Esta ação reveste-se de enorme importância, pois permite alterar a funcionalidade inicial do objeto, que de meramente utilitária passa a decorativa e até a simbólica, abrindo o caminho para a criação de figuras. É a partir desta instância que a figura ganha independência e individualidade e o artista ganha maior liberdade para expressar e representar o seu universo de referência.

A presença deste tipo de vasilhame no centro oleiro de Mafra parece ter-se verificado com mais notoriedade a partir da década de 1930, se bem que a escassez de documentação não permita esclarecer a questão com maior rigor. Um viajante inglês, que passou pelo nosso país em meados dos anos 30 do século XX, foi surpreendido pela diversidade das peças de barro e suas formas, à venda nas feiras e mercados da região, tendo feito alusão a esse tipo de vasilhame decorativo, de cores vibrantes e vidrados translúcidos, descrevendo garrafas zoomórficas em forma de touros, porcos e peixes, dando especial ressalva a uma garrafa antropomórfica, uma mulher coroada de seios desvelados e que segura nas mãos um sardão (um forte elemento do imaginário

popular, que simboliza a natureza masculina), sobre a qual o autor nos remete para a influência da estatuária da antiguidade cretense (GALLOP, 1936: 11). Essa observação assinalava já a existência do que se poderá considerar o esboço do figurado mafrense, nomeadamente vasilhame representativo das formas humana e animal, que ele, pela semelhança de formas, associa ainda a figuras de outras civilizações.

Por seu turno, Luís Chaves apresenta uma fotografia com um exemplar de uma garrafa antropomórfica com a data de 1936, legível (CHAVES, 1961:163).

Com efeito, um olhar atento para a obra de José Franco permite identificar de imediato a tal garrafa em forma de mulher coroada segurando um réptil, que poderá ser apreciada em exposição na sua Aldeia-Museu do Sobreiro, testemunho da fase inicial da sua obra.

Não obstante, o surgimento das garrafas antropomórficas e zoomórficas é uma questão que continua envolta em incerteza, sendo discordantes as opiniões dos investigadores (GANDRA, 1999: 25). Porém, um confronto entre a evidência do trabalho de campo, as peças de olaria figurativa existentes no Museu Municipal Prof. Raúl de Almeida e uma reflexão sobre trabalhos publicados no âmbito da cerâmica tradicional, leva a que se possa fazer remontar este tipo de vasilhame pelo menos à segunda metade da década de 1930.



Fonte: Espólio da
Aldeia-Museu José Franco

Com efeito, o Mestre José Franco começou a fazer a sua aprendizagem em olaria no começo da década de 1930 com o Tio António da Joana, oleiro que, segundo conta,

produzia todo o tipo de garrafas, tanto antropomórficas como zoomórficas. Também os *Caloras*⁵ as produziram na época. Mestre Franco garantiu que começou a produzir garrafas para vender ainda antes de se ter iniciado na produção de outras figuras, ainda nessa década, pois quando esteve presente na Exposição do Mundo Português, em 1940, já produzia algum figurado.

Um dos aspetos da comercialização das loiças mafrenses era a sua venda em feiras e mercados regionais. É plausível que nessas viagens os oleiros mafrenses tenham estabelecido contactos com oleiros de outras regiões e estado com outros tipos de produção de cerâmica, nomeadamente a caldense. É muito provável que as garrafas antropomórficas caldenses⁶, de segura datação anterior, pudessem ter influenciado a cerâmica mafrense.

No entanto, autores como Luís Chaves e Guilherme Felgueiras só começaram a fazer alusão a este tipo de vasilhame a partir da década de 1940. Será pertinente sublinhar que os escritos dirigidos à olaria mafrense só surgem a partir dessa década, envolvendo, uma vez mais, a problemática em incerteza. Por seu turno, a datação inscrita em algumas garrafas sugere o surgimento das mesmas na década de 1940 (salvo o caso do registo de imagem acima mencionado). Poder-se-á, todavia, argumentar que a datação em artefactos de barro produzidos no concelho parece proliferar precisamente a partir da segunda metade dos anos 30 do século XX, sejam utilitários ou não. Daí, poder constituir apenas um indicador de uma tendência que terá entrado em voga na época, parte de novas estratégias de comercialização a que os oleiros começaram a recorrer para garantir a atratividade das loiças. Estas datas passam a acompanhar inscrições alusivas à recordação do local, complementando-se o carácter temporal e espacial da inscrição.

Segundo Guilherme Felgueiras (FELGUEIRAS, 1943: 329–333), este vasilhame era muito apreciado e procurado. Entende-se, portanto, que produzidas com inscrições alusivas aos locais de venda, atraíssem maior clientela que as comprava como recordação. Outras, apresentam antropónimos (nomes próprios), que na opinião de Cardim Ribeiro (RIBEIRO, 1990) derivam de encomendas de clientes. Veloso Portela (PORTELA, 1997b) sugere que a antroponímia nas garrafas, à semelhança dos nomes bordados nos lenços, pudesse servir para efeitos de oferta simbólica aos namorados, prova de afeto e de amor. Nalguns casos, poderiam ser produzidas em *série* com os nomes mais populares na época. Esta informação foi corroborada por dados obtidos no terreno, junto de oleiros que as produziram em tempos.

Este vasilhame revestia-se, sobretudo, de valor simbólico, pois, sendo dispendioso, refletia o estatuto social do seu proprietário, que o usava em momentos e situações de visibilidade social. O mesmo autor enquadra estes utensílios num registo de carácter sensual. Beber vinho segurando uma forma feminina fará parte desse registo. Aliás, o recurso a vasilhame evocativo de formas femininas, em especial os seios, também pode ser encontrado noutros registos europeus.

Em suma, a introdução do elemento figurado e a transposição do utilitário para um plano decorativo, lúdico e até simbólico parece ter sido o passo determinante para que o oleiro ganhasse mais autonomia e liberdade para explorar novas formas estéticas e expressar o seu universo de referência.

Mas, a origem do figurado apresenta-se envolta em controvérsia. Se bem que no passado possa ter havido casos pontuais de produção de figurado (GANDRA, 1999 e 1999a), alguns autores⁷ não excluem a possível influência da Escola de Escultura de Mafra.

Todavia, é inquestionável que o figurado mafrense só alcança a sua dimensão atual com Mestre José Franco. Pode-se afirmar, pelo menos, que é com o Mestre José Franco que a produção de figurado mafrense assume as suas verdadeiras dimensões; uma produção que abrange grande variedade de temáticas, reconhecida como parte da atual produção cerâmica do concelho, hoje em dia, estendendo a sua influência a outras regiões limítrofes e com um carácter singular como atividade profissional.

A intervenção artística do Mestre foi, pois, determinante para a implantação da atual produção de figurado de barro no concelho. Por seu turno, a abrangência e riqueza plástica da sua obra, cuja fama transpôs fronteiras, tornaram José Franco num dos maiores ícones nacionais na área do figurado de barro.

Mas, talvez um dos aspetos mais importantes dessa obra, ao recriar o mundo à sua volta, conforme o conheceu e interpretou, seja o facto da sua obra constituir um evidente registo histórico e etnográfico, um documento que testemunha os gostos, modos de ser e de estar das gentes concelhias.

A REPRESENTAÇÃO NA OBRA DE MESTRE JOSÉ FRANCO

A vida das comunidades faz brotar do seu seio uma arte que representa toda a iconografia doméstica e rural: são as cenas do quotidiano, dos trabalhos rurais, as crenças, os momentos lúdicos e de consolidação social, ao que José Franco não ficou alheio, sendo a coroplastia da sua obra vasta. Ao modelar o barro, ao dar-lhe vida através da forma e da expressão, o barrista tende a representar as temáticas que se centram essencialmente em torno do universo sociocultural e simbólico em que se revê.

Neste processo e na estreita relação que estabelece entre si e a figura, pelo significado que lhe atribui, está, em simultâneo, através do ato de recriação, a

posicionar-se nesse universo que cria. O figurado é, pois, uma visão do mundo.

O carácter da representação deste barrista mafrense e seus sucedâneos assume grande pertinência em termos da relação que se estabelece entre a cultura local com a cultura global. Devido à homogeneização cultural desencadeada pela globalização, vive-se sob grande pressão económica e sociocultural. Nesse contexto, o mundo rural tem vindo a passar por transformações profundas, mas por toda a parte se geram os mais diversos fenómenos e estratégias de adaptação às exigências da vida moderna, a fim de que as economias locais continuem a subsistir e as culturas e identidades locais não percam a sua distinção.

Este é um desafio não só à adaptação económica e social, mas também à criatividade cultural local, no sentido de gerar manifestações que permitam afirmar a identidade local, onde o fenómeno da produção de figurado se parece enquadrar.

O mundo em que vivemos já não se mantém imutável, seja no tempo ou no espaço, geram-se múltiplas dinâmicas culturais, tanto resultado dos efeitos de conjunturas históricas e político-económicas, como das interações socioculturais que se inscrevem na sociedade.

Sobre este fenómeno e corrente atual, muitos têm sido os estudiosos que sublinham, face a um mundo em transformação, os símbolos da modernidade difundidos pelo mundo inteiro, as migrações e as novas tecnologias da comunicação derrubaram fronteiras, diluindo espaços outrora culturalmente definidos. As identidades desta nova era não compreendem a continuidade da tradição e da cultura, nem a sua cristalização no tempo e no espaço, mas a sua recriação no quotidiano, tanto pelo modo como os símbolos da modernidade se manifestam a nível local (cada comunidade tende a

fazer a apropriação de símbolos da modernidade à sua maneira, conferindo-lhe significados próprios), como pela recriação das próprias tradições. Se por um lado a modernidade difundida pela força da globalização causou uma aparente perda de autenticidade cultural, por outro lado, a cultura não deixa de ser um processo criativo. Nesta época, onde, sobretudo, ao nível de comunidades outrora rurais se sente um desfasamento cultural e clivagem entre o passado e o presente, que se faz acompanhar por uma descaracterização cultural, em que as formas culturais tradicionais se perderam, outras vão sendo geradas ou recriadas.

É nessa dimensão que as representações do figurado de barro se enquadram. São formas de expressão local e de comunicação que através do figurado recriam o meio rural de outrora e lhe devolvem a vida. Estas figuras fixam os usos e os costumes, perpetuando-os para além do tempo presente, um veículo da memória social das populações de onde brotam.

A atual panorâmica do figurado mafrense é resultante de todo um processo evolutivo, de que José Franco, já anteriormente referido, foi o motor principal, influência determinante sobre os seus conterrâneos e que representam as mesmas temáticas embora cada um com o seu cunho pessoal. Será fulcral compreender que da década de 1960 à atualidade têm surgido diversos barristas, autores de uma produção singular e distinta. Nem todos mantiveram a atividade até aos nossos dias, mas em contrapartida têm-se revelado novos talentos.

Neste quadro, para além do Mestre José Franco (Sobreiro), destacam-se, nomeadamente, Arlindo Sombreiro (Sobreiro, falecido), António Batalha (Achada, falecido), Tininha Batalha (Pinhal dos Frades; abandonou a atividade nos anos 80 do século XX), Adelino Silva (Achada; abandonou recentemente a atividade), Jorge Batalha (Achada, filho de A. Batalha),

Antero Pereira (Sobreiro; deixou o concelho na década de 1990), Silvério Silva (Sobreiro; voltou à sua terra natal, Maxial, Torres Vedras, onde faleceu em 2001), António Sampaio (Foz do Lizandro; falecido em 2019), Ana Franco (Salgados), as irmãs Ilda e Judite Lebre (Ericeira; a primeira abandonou a atividade e a segunda faleceu), Maria Luís Gomes (Paz; abandonou a atividade), José Luís Silva (Mafra; filho de S. Silva, atualmente ocupa o espaço do atelier de Mestre Franco, na Aldeia-Museu do Sobreiro), Ana Maria Dias (Outeirinho; deixou o concelho) e, mais recentemente, Tatiana Zavatchi (Pucariça; regressou à sua terra natal, Moldávia); Cláudia Afonso (Venda do Pinheiro; executa figurado ocasionalmente), Rui Pinheiro (Ericeira) e José Luís Pires (Mafra).

Nesta sequência, é de mencionar, de igual modo, os trabalhos de barristas dos concelhos limítrofes, para os quais José Franco foi por certo marcante, a saber: Sabina Azenha (Santa Susana, Sintra; continuadora da obra de seu pai já falecido, Eduardo Azenha) e Elisa Henriques (Aranha, Torres Vedras).

Dotado de um forte impulso criativo, sentido estético e pleno domínio da técnica de modelação, José Franco era um homem perspicaz, estudioso da natureza humana e visionário, não ficando indiferente às conjunturas socioeconómicas em seu redor.

As suas representações movimentam-se, sobretudo, à volta do quotidiano rural e piscatório, das crenças e da sátira. Segundo o próprio afirmava, a sua obra dividia-se em três vertentes distintas, designadamente Arte Sacra, Arte Popular e Arte Satírica, reflexo da sua visão do Universo.

Ao modelar cada uma das suas criações, José Franco comunicava os seus sentimentos e impressões pessoais, que transmitia através do barro. As suas

peças sacras transmitem tranquilidade e beatitude, enquanto que as peças de foro popular e satírico comunicam uma alegria ostensiva, quase que contagiante, traços reveladores de um olhar positivo para a vida e, no terceiro caso, escrutinando um olhar crítico e até reprovador.

A sua produção tendia a seguir a sazonalidade; sobretudo, o advento do outono que era particularmente propício para a modelação de Bacos e de cenas de adegas, dos magustos e das matanças do porco. Com a proximidade do inverno, nos meses que antecediam o Natal seguia-se o recato, a época benigna para a execução de presépios e outros quadros ligados à Natividade cristã, à qual Mestre Franco se entregava de corpo e alma.

Um fator determinante na sua vida e que se repercutiu na sua obra foi a profunda devoção religiosa do casal Franco. Muitas das suas criações viriam a tornar-se referências célebres, ainda hoje representadas por outros barristas da coroplastia mafrense. A Arte Sacra, como lhe chamava, compreendia as imagens de Santos, representações da Natividade e tudo o que dissesse respeito ao divino. A este respeito, as figuras mais representadas são indiscutivelmente Santo António, assim como a Virgem, nomeadamente, Nossa Senhora do Ó, Nossa Senhora da Paz, Nossa Senhora da Conceição, Senhora da Boa Viagem e Nossa Senhora da Nazaré, as de maior devoção local. José Franco, desde há décadas, que elegeu Santo António como o Santo de devoção popular mais generalizada e preferência de inúmeros colecionadores. A par destas figuras, representava outras imagens de Santos, muitas vezes em resposta aos pedidos de colecionadores de figurado de barro. Para tal, tentando conferir rigor iconográfico às suas criações, José Franco recorria a imagens e a pagelas de Santos, guardando um livro com gravuras. Uma outra fonte

de inspiração determinante para o seu trabalho nesta vertente foi a escultura majestosa do Palácio Nacional de Mafra, que ele tanto admirava e contemplava.

A sua faceta de Arte Popular compreendia as representações de figuras populares, expressão das múltiplas facetas do quotidiano e das vivências da sua comunidade; o ritmo sazonal dos trabalhos da terra, as profissões, artes e ofícios, os tempos e as atividades de lazer, a riqueza e a pobreza. Neste contexto, a sua inspiração foram as suas próprias vivências, podendo muitas das peças invocar episódios biográficos, caso da vendedeira de loiças e do rapaz da escola, bem como a vida real e as pessoas com quem se cruzava e com quem convivía, personagens que de certo modo cristalizou no tempo através das suas criações em barro.

No quadro do quotidiano, o saloio e o seu inseparável burro são as figuras mais constantes, símbolos da identidade rural concelhia que o Mestre Franco percecionou estar prestes a dissipar-se, remanescentes do passado ainda bastante próximo, bem presente na memória coletiva. Com efeito, a presença do burro permeia toda a obra do figurado mafrense. Este animal assume a notoriedade no âmbito da coroplastia do figurado mafrense, devido ao enorme papel que desempenhava na economia local. Bem adaptado aos declives e irregularidade do relevo, pouco exigente com a qualidade do pasto, o burro foi o animal mais empregue como meio de transporte, besta de carga e força de tração nos mais variadíssimos trabalhos da lavoura. Enquanto que o boi, destronado pelo trator, desapareceu cedo, a presença do burro perdurou mais tempo nas recordações. Este animal aparece representado com frequência, em especial, no figurado de carácter satírico e humorístico. Como se poderia esperar, é representado, por vezes, em tom autobiográfico evocando cenas da venda de

loija, malograda pelo comportamento do animal. A Fábula do Velho, do Rapaz e do Burro foi igualmente representada em períodos distintos da sua obra.

Neste quadro das representações surgem outras cenas e personagens, evocativas de momentos do quotidiano rural e de grande pertinência social, com destaque para as cenas de convívios de adegas, as matanças do porco, as bandas de música, os músicos-cegos, os bailaricos saloios, entre outras. No mesmo quadro, também surgem algumas profissões antigas como o moleiro, a lavadeira, a(s) vendedeira(s), o saloio.

A relação do barrista está virada para a terra, para o barro, embora as representações do meio piscatório, o pescador, a peixeira, os vendedores de peixe, também estejam patentes na sua obra, porque José Franco manteve sempre uma profunda ligação com o mar. Ao longo da sua vida José Franco conservou a rotina matinal de dar um passeio à Ericeira, onde travava contacto e convivía com as gentes locais e, invariavelmente, contemplava o mar, uma das suas grandes fontes de inspiração.

A sua Arte Satírica representa os prazeres, os excessos do corpo, o profano. A sua produção confere a estas figuras um tom burlesco, expressando sátira, uma tendência iniciada por si e perpetuada pelos seus seguidores. São as representações de Bacos barrigudos, evocativos dos excessos, os burros doutores, de características anatómicas bem definidas, evocativos da estupidez e da sexualidade, vendedeiras chorando a loiça partida, o Zé Povinho e outras caricaturas que estigmatizam usos e abusos.

Ao longo dos anos, a produção de figurado de José Franco foi mudando de feição, ganhando novas características com a introdução de novos elementos, materiais de acabamento e formas estéticas, evidência de que o

estilo artístico vai mudando, quicá aperfeiçoando ao longo da vida. Nesta transformação do processo criativo poder-se-á identificar fases distintas, embora a sua cronologia não seja rigorosamente compartimentada, mas antes gradual.

Nos primórdios da sua obra, o jovem José Franco executava peças de olaria utilitária, tal como os seus congéneres, mas também peças decorativas. Aos 17 anos já tinha a sua própria olaria, tendo recuperado a do avô. Desde cedo as suas loiças distinguiram-se pelos vidrados de policromia acentuada e pela introdução do elemento decorativo.

Entrando na década de 1940, era notória a sua produção de garrafas antropomórficas e zoomórficas, bem como os moringues de decorações intrincadas e rara beleza, produção que viria a manter, embora num plano secundário, a par do figurado de barro. Algumas destas garrafas tinham grandes dimensões, retratando figuras da cena local e política, caso do saloio, o soldado alemão e o Marechal Carmona. Não obstante, nesta fase já modelava pequenas figuras de barro. Data desta época o seu primeiro presépio (1947⁸), espólio do Museu Municipal Prof. Raúl de Almeida, de minúsculas figurinhas compostas e dentro da estética do presépio saloio.

A sua breve passagem por Caldas da Rainha, onde contactou com o Mestre Elias influenciou o estilo do figurado de barro que produziu nas duas décadas seguintes. Neste período, para além do uso de vidrados espessos e policromados, as peças de barro surgem decoradas com efeitos e com a incrustação de seixos e outras pedras (elementos naturais). Por altura da década de 1960, época em que começa a construção da sua Aldeia-Museu no Sobreiro, é de referir um aspeto particular desta fase, é que José Franco recriava um

figurado bastante diversificado, com a proliferação das peças populares e satíricas, compondo cenas completas, quase como uma coreografia teatral, por oposição a figuras singulares como o fez nas décadas seguintes, por exemplo, as cenas de taberna, a matança do porco, a banda no coreto de aldeia ou, no campo do figurado de carácter religioso, a Última Ceia, os Presépios em gruta ou estábulo, compostos por várias figuras, alguns em *lapinha*⁹, muito ao gosto popular. No início desta fase começam a ser modeladas as suas primeiras figuras religiosas singulares, que emergem em forma de garrafa, tronco cónicas, ainda de detalhes pouco elaborados, de acabamento vidrado. Ainda são produzidas peças decorativas de carácter utilitário.

Com o advento da década de 1970, a sua criação ganha novo ímpeto. A produção de Arte Sacra começa a ganhar proeminência e a modelação de figuras singulares é incrementada. Os espessos e coloridos vidrados dão lugar a peças sóbrias, de vidrados translúcidos e coloridos parciais.

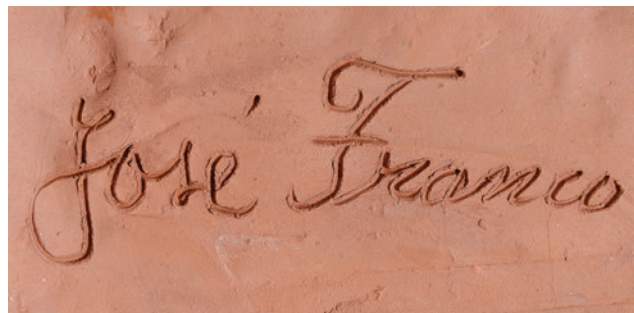
Mas será talvez na década de 1980 que são definidos os contornos mais determinantes e distintos da obra de figurado de barro da autoria de José Franco, conforme se estendeu até ao final da sua produção. É uma época pródiga na criação de personagens e figuras singulares nas três vertentes da sua criação, em que a chacota passa a imperar sobre a policromia e cada uma das suas figuras parece insuflada de vida própria, pelos traços faciais, pela expressão que confere a cada uma das suas criações e dos detalhes do vestuário.

Todavia, nesta derradeira fase da sua obra, Mestre José Franco, à semelhança dos restantes barristas mafrenses não deixou de estar de algum modo condicionado pelos pedidos da clientela. São os trabalhos feitos por encomenda, as peças produzidas mediante as solicitações dos clientes, onde o colecionismo assume uma importância de peso.

Com efeito, em consequência, hoje em dia, a comercialização limita a produção de certas peças e formas estéticas em detrimento de outras, condicionando a força criadora e a imaginação dos seus criadores.

Este foi um aspeto a que José Franco não ficou alheio e que poderá ter condicionado o teor da sua obra, sobretudo, na sua fase derradeira, com particular incidência sobre a Arte Sacra, aquela que mais colecionismo suscita.

José Franco assinava:
JSF, José Franco ou José Silos Franco



¹ Já Luís Chaves (CHAVES, 1961: 162-163) nos alerta para esta omissão. Do mesmo modo, também parece incompreensível que Charles Lepierre tenha excluído do seu estudo a análise dos barros mafrenses, apesar do concelho na altura ser rico em matéria-prima (LEPIERRE, 1899).

² Nas Caldas, com Maria dos Cacos, nas feiras começam a surgir objetos bastante decorativos e com formas naturais, como as garrafas antropomórficas, as quais Manuel Cipriano *Mafra* (de onde era originário) retomou, desenvolvendo novas tendências, de representação naturalista, originando a escola ceramista conhecida por cerâmica caldense. A este respeito os trabalhos de Alberto Correia também se apresentam bastante elucidativos (CORREIA, 1982 e 1992).

³ Veja-se ABELHO, 1964: 17-18; FELGUEIRAS, 1966: 295-305; SANTOS JUNIOR, 1940: 237; GONÇALVES, 1969: 10; PEIXOTO, 1966: 45-46.

⁴ Este caso está bastante bem documentado por Alberto Correia, a propósito da evolução da obra de mestres barristas da região de barros pretos de Viseu (CORREIA, 1992).

⁵ Alcinha local atribuída a uma dinastia de oleiros da Achada. Descendentes dessa dinastia reportaram a produção em questão a essa época.

⁶ Chaves (1946 e 1961) sugere que as garrafas antropomórficas caldenses podem ter ido beber a sua inspiração aos Tobbies ingleses muito em voga em certa altura.

⁷ Entre os quais Rocha Peixoto (PEIXOTO, 1966). Outros estudos, referentes ao figurado noutras partes do país, apontam para a Escola de Escultura de Mafra como influência mais marcante na subsequente produção de figurado (ABELHO, 1964; CHAVES, 1946; SANTOS JUNIOR, 1940; PORTELA, 1997). Todavia, Manuel Gandra (1999) refuta esta influência por não estar comprovada.

⁸ Segundo BATALHA (s/d), o seu derradeiro presépio seria modelado 50 anos mais tarde, já de idade muito avançada.

⁹ As *lapinhas* são formas de representação dos Presépios nos registos religiosos, particularmente popularizadas na Madeira e Açores. Múltiplas figurinhas ligadas ao nascimento do Menino surgem em ambiente de gruta, por vezes com elementos ligados ao mar (seixinhos, conchinhas), flores e musgos secos que lhes conferiam realismo de gruta.

ESPÓLIO DO MUSEU MUNICIPAL PROF. RAÚL DE ALMEIDA *

PRIMÓRDIOS



1. Bule

Décadas de 1940-50
Barro vidrado engobado
17 x Ø 18,5 cm
SOBREIRO - J.S.F.
Inv. CP.02059
Coleção Casa do Povo de Mafra



*As fotografias do Espólio do Museu Municipal Prof. Raúl de Almeida são da autoria de João Oliveira Silva



2. Açucareiro

Décadas de 1940-50

Barro vidrado engobado

10,2 x Ø 14 cm

J.S.F.

Inv. CP.02080

Coleção Casa do Povo de Mafra



3. Cafeteira

S/d

Barro vidrado, com engobe

26 x Ø 15 cm

"Recorção Feira do Barreiro"

Inv. MM.02870

Réplica das antigas loiças comercializadas em feiras e mercados.

Executado na olaria de José Franco


4. Canjirão

S/d
 Barro vidrado, com engobe
 26 x Ø 13,7 cm
 "Recordação da Feira de Nª Srª do Livramento"
 Inv. MM.02912
 Réplica das antigas loiças comercializadas em feiras e mercados. Executado na olaria de José Franco


5. Canjirão

S/d
 Barro vidrado, decoração a engobe
 27 x Ø 13,8 cm
 "Recordação da Feira de Nª Srª da Rocha"
 Inv. MM.02911
 Réplica das antigas loiças comercializadas em feiras e mercados. Executado na olaria de José Franco


6. Canjirão

S/d
 Barro vidrado, decoração a engobe
 24,7 x Ø 14,5 cm
 "Recordação da Feira de Nª Srª das Mercês"
 Inv. MM.02910
 Réplica das antigas loiças comercializadas em feiras e mercados. Executado na olaria de José Franco

**7. Alguidar**

S/d

Barro vidrado, com engobe

10,7 x Ø 29,2 cm

"Recordação Feira da Luz"

Inv. MM.02768

Réplica das antigas loiças comercializadas em feiras e mercados.

Executado na olaria de José Franco



8. Garrafa antropomórfica
Soldado alemão
Década de 1940
Barro vidrado, decoração a engobe
40 x Ø 19 cm
"João"
Inv. CP.02538
Coleção Casa do Povo de Mafra



9. Garrafa antropomórfica
Marechal Carmona
1940
Barro vidrado, decoração a engobe
36 x Ø 18 cm
Inv. CP.02871
Coleção Casa do Povo de Mafra



10. Garrafa antropomórfica
Cabeça do Marechal Carmona
 Década de 1940
 Barro vidrado, decoração a engobe
 37,1 x Ø 19 cm
 Inv. CP.02540
 Coleção Casa do Povo de Mafra



11. Garrafa antropomórfica
Saloio
 1940
 Barro policromado vidrado
 41 x Ø 19 cm
 "II- 40 Pêdro"
 Inv. CP.02539
 Coleção Casa do Povo de Mafra


12. Garrafa antropomórfica
Mulher

Década de 1940

Barro vidrado, decoração a engobe

34 x Ø 15 cm

"Helena"

Inv. CP.02874

Coleção Casa do Povo de Mafra. As garrafas antropomórficas com nomes inscritos costumavam ser feitas por encomenda, para oferta ou, eram produzidas em série, com os nomes mais popularizados da época, para venda em feiras e mercados, que os visitantes levavam como recordação. A esposa de José Franco chamava-se Helena, nome que surge em muito vasilhame e em figurado de barro religioso (Sta. Helena) da sua autoria


13. Garrafa antropomórfica
Cabeça de homem

S/d

Barro policromado vidrado

27,5 x Ø 13 cm

"António"

Inv. MM.02891

Este tipo de vasilhame ostentando a inscrição de nomes próprios podia ser feito por encomenda, para oferta, ou produzidas em série para venda em feiras e mercados, que os clientes levavam como recordação de um dia bem passado.

Réplica das antigas garrafas antropomórficas comercializadas em feiras e mercados. Executada na olaria de José Franco



14. Garrafa antropomórfica

Homem

S/d

Barro policromado vidrado, com engobe

32 x Ø10,7 cm

Inv. MM.02876

Réplica das antigas garrafas antropomórficas comercializadas em feiras e mercados. Executado na olaria de José Franco



15. Garrafa antropomórfica

Homem de cartola

S/d

Barro policromado vidrado, com engobe

34 x Ø11 cm

Inv. MM.02878

Réplica das antigas garrafas antropomórficas comercializadas em feiras e mercados. Executado na olaria de José Franco



**16. Garrafa antropomórfica
Mulher com bilha**

S/d

Barro engobado, vidrado

30 x Ø 11 cm

Inv. CP.02873

Coleção Casa do Povo de Mafra



17. Garrafa zoomórfica

Cavalo

S/d

Barro vidrado

25 x 28,5 x 10,5 cm

Inv. MM.02552

Réplica das antigas garrafas zoomórficas comercializadas em feiras e mercados.

Executado na olaria de José Franco



18. Garrafa zoomórfica

Boi

S/d

Barro vidrado engobado

25 x 31 x 10,7 cm

Inv. MM.02553

Réplica das antigas garrafas zoomórficas comercializadas em feiras e mercados.

Executado na olaria de José Franco



19. Jarro decorativo

Décadas de 1950-60

Barro policromado vidrado

16,7 x Ø 11 cm

José Franco – Mafra – Sobreiro

Inv. MM.02971


20. Brasão da Vila de Mafra

1954

Barro vidrado, decorado a engobe

16,8 x 28 cm

J. Franco – João Ricardo Júnior – 1954

Inv. MM.01118

Placa encomendada a José Franco por
 João Ricardo Júnior, do Sobreiro, em 1954,
 provavelmente para oferta ao Município de Mafra

21. Coluna decorativa
III Centenário da Restauração de Portugal

1940

Barro vidrado, decoração a engobe

69 x Ø 19,3 cm

1940 / SOBREIRO / J.S.F. – MAFRA – 1940

Inv. CP.01090

Coleção Casa do Povo de Mafra.

Executado para assinalar a comemoração do
 III Centenário da Restauração (1640-1940)





22. Prato decorativo

S/d

Barro vidrado, decorado a engobe

3 x Ø 21,2 cm

Inv. MM.02727

Réplica de peças comercializadas em feiras e mercados. Executada na olaria de José Franco



23. Placa decorativa

S/d

Barro vidrado

Ø 13,5 cm

Inv. CP.01047

Coleção Casa do Povo de Mafra

ARTE SACRA



24. Nossa Senhora do Rosário

Décadas de 1940-50

Barro vidrado

48 x Ø 15,5 cm

Inv. CP.00175

Coleção Casa do Povo de Mafra. Esta será uma das peças de figurado religioso mais antigo assinado por José Franco, que se conhecem



25. Virgem com o Menino

Décadas de 1950-60

Barro policromado vidrado, decorado a engobe

38,5 x Ø 13 cm

Inv. CP.00176

Coleção Casa do Povo de Mafra



26. Milagre das Bilhas

Décadas de 1940-50

Barro policromado vidrado, com engobe e incrustação de seixos

18,5 x 27,5 x 27,5 cm

Inv. MM.05610.JR

Coleção de Sto. António de Joaquim Resina. Doado ao MMPRA pela família Resina, em 2001



27. Santo António com o Menino

Décadas de 1940-50

Barro vidrado

43 x Ø 16,6 cm

[Sem assinatura ou marca]

Inv. MM.05605.JR

Coleção de Sto. António de Joaquim Resina.

Doado ao MMPRA pela família Resina, em 2001



28. Santo António com o Menino

Décadas de 1950-60

Barro policromado vidrado, decorado a engobe

21,6 x Ø 11 cm

Inv. MM.05609.JR

Coleção de Sto. António de Joaquim Resina.

Doado ao MMPRA pela família Resina, em 2001



29. Santo António com o Menino

Década de 1970

Barro policromado

34 x 13,5 x 14 cm

Inv. MM.05607.JR

Coleção de Sto. António de Joaquim Resina. Doado ao MMPRA pela família Resina, em 2001



30. Santo António com o Menino

1995

Barro policromado. Assente em base de madeira, com chapa em metal inscrita.

36 x 13 x 13 cm

Ao ilustre e benemérito mafrense Joaquim Resina no seu 90º Aniversário com muita admiração e reconhecimento. | Liga dos Amigos de Mafra, 31-7-1995

Inv. MM.05606.JR

Coleção de Sto. António de Joaquim Resina. Doado ao MMPRA pela família Resina, em 2001


31. Sermão de Santo António aos Peixes

Década de 1950

Barro policromado vidrado, com engobe e incrustação de seixos

29,5 x Ø 29,5 cm

Inv. MM.00186

Este é um dos temas religiosos favoritos de José Franco, tendo recriado este milagre ao longo da vida


32. Sermão de Santo António aos Peixes

Década de 1960

Barro policromado vidrado

39,5 x Ø 24 cm

[Sem assinatura ou marca]

Inv. MM.00184

Este é um dos temas religiosos favoritos de José Franco, tendo recriado este milagre ao longo da vida



33. Sermão de Santo António aos Peixes

Década de 1980

Barro policromado

32,5 x 16,5 x 19 cm

Inv. MM.00187

Este é um dos temas religiosos favoritos de José Franco, tendo recriado este milagre ao longo da vida. Doado ao MMPRA por Baptista Coimbra, em 1995



34. Sermão de Santo António aos Peixes

2000

Barro policromado

46 x Ø 15 cm

Inv. MM.00185

Este é um dos temas religiosos favoritos de José Franco, tendo recriado este milagre ao longo da vida


35. Nossa Senhora do Ó

1996

Barro policromado

43 x Ø 15 cm

Inv. MM.02962

Esta é uma das criações mais emblemáticas e originais de José Franco no contexto da Arte Sacra, que viria a influenciar as demais produções de outros barristas concelhios. Oferta ao Presidente da Câmara Municipal de Mafra, por ocasião de um evento de homenagem, em que foi agraciado com a Medalha de Honra do Município de Mafra (1996)


36. Nossa Senhora do Campo

2000

Barro policromado

47,5 x Ø 16 cm

José Franco - C.M.M.

Inv. MM.00188

A representação desta imagem religiosa é uma criação inédita de José Franco. Doação do autor ao Município de Mafra

37. Presépio

1947

19 x Ø 27 cm

Chacota

CP.00181

1947 - JFRANCO - MAFRA

Coleção Casa do Povo de Mafra. Peça bem documentada, este terá sido indubitavelmente o primeiro Presépio produzido por Mestre José Franco.

Em 1946, Luís Chaves, por ocasião da sua visita ao Museu da Casa do Povo de Mafra encontrou peças de figurado da autoria de J. Franco. Em tom de recomendação teria dito: "[...]Quem sabe se, como o instiguei, não apresentará no próximo Natal um presépio de sua interpretação!". O mestre barrista

teria seguido essa recomendação, e, no ano seguinte, 1947, produz o seu primeiro presépio, também integrado no espólio do Museu da Casa do Povo de Mafra.

Em visita posterior àquela instituição,

Luís Chaves, em 1961, perante a obra, teceu o seguinte comentário: [...] Em 1947, o oleiro J. Franco fez um curioso presépio, com as figuras do tipo conhecido, quer de personagens, quer de animais; ficou exposto no mesmo Museu de Mafra.



38. Presépio
1985

Chacota, decorado a engobe
35 x 25 x 31,5 cm
José Franco 1985
Inv. MM.00182

Dotado de uma capacidade de trabalho invulgar, [...] José Franco produziu uma grande quantidade de Presépios. Contudo, a sua criatividade e genialidade fez com que as representações fossem sempre diversas – não há dois Presépios iguais.
(BATALHA: 2011)



ARTE POPULAR

**39. Banda filarmónica**

1945

Barro vidrado, decorado a engobe

20 x 17 x 35 cm

SOBREIRO – 1945 – JSF

Inv. CP.00178

Coleção Casa do Povo de Mafra. Grande apreciador de música, nesta fase da sua obra, nas representações do quotidiano, retratou muitas bandas filarmónicas, uma constante presença nas festividades desta região



40. Coreto

Década de 1960

Barro policromado vidrado, com engobe

30 x Ø 24 cm

JOSÉ SILOS FRANCO MAFRA

Inv. MM.00179

41. Músicos cegos

Década de 1940

Chacota

19,5 x Ø 16,5 cm

Inv. CP.00180

Coleção Casa do Povo de Mafra. Par de músicos cegos, uma presença habitual nas feiras e mercados locais da época, onde tocavam e vendiam literatura de cordel às gentes locais (folhas volantes). Esta peça já foi documentada por Luís Chaves, em 1946, por ocasião da sua visita ao Museu da Casa do Povo de Mafra. Disse o eminente especialista a seu respeito: [...] *há na expressão fisionómica das duas personagens tamanha delicadeza e sentimento de realidades espirituais, que nos encanta.*

**42. Vendedeira de galinhas**

Décadas de 1940-50

Chacota

12,5 x 8,5 x 15,5 cm

Inv. MM.00160

Esta peça esteve exposta no Posto de Turismo de Mafra, na década de 1960



43. Rapaz da escola

Décadas de 1950-60

Barro policromado vidrado

36 x Ø 24,5 cm

[Sem assinatura ou marca]

Inv. MM.00192

Figura que evidencia uma forte componente biográfico. Os anos da sua infância foram vividos em pobreza e a sua passagem pela escola foi sentida com muito sofrimento, conforme relatou em muitas ocasiões



**44. Vendedeira de queijos**

Década de 1960

Barro policromado vidrado, com engobe
19,5 x 10 x 14,5 cm

Inv. MM.00169

**45. Lavadeira**

Década de 1960

Barro policromado vidrado, com engobe
20 x 10 x 13 cm

Inv. MM.00167

**46. Vendedeira de loiça**

Década de 1960

Barro policromado vidrado, com engobe
18,5 x 10 x 14 cm

Inv. MM.00168

Filho de vendedeira de loiça, José Franco
representou esta atividade ao longo da
vida com carinho

**47. Padeira**

Década de 1960

Barro policromado vidrado, com engobe
18,5 x 9 x 14 cm

Inv. MM.00171



48. Saloio no burro

Década de 1960

Barro policromado vidrado, com engobe

19,5 x 9,5 x 14 cm

Inv. MM.00172



49. Saloio no burro

Década de 1980

Chacota

22 x 15,4 x 13,7 cm

Inv. MM.01022

Doado ao MMPRA por Baptista Coimbra, em 1995

**50. Rapariga com cesta**

Década de 1980

Chacota

22 x 10 cm

Inv. MM.00161

Doado ao MMPRA por Baptista Coimbra, em 1995

**51. Saloia com cesto**

Década de 1980

Chacota

25 x 10 cm

Inv. MM.00162

Doado ao MMPRA por Baptista Coimbra, em 1995



52. Peregrino

Década de 1980

Chacota

31,5 x 11,5 cm

Inv. MM.00164

Doado ao MMPRA por Baptista Coimbra, em 1995



53. Boticário

Década de 1980

Chacota

30 x 8,5 cm

Inv. MM.00163

Doado ao MMPRA por Baptista Coimbra, em 1995

ARTE SATÍRICA

**54. Vendedeira da loiça partida**

Década de 1950

Barro policromado

13 x 12 x 18,5 cm

Inv. MM.00166

Esta peça tem caráter biográfico para o autor. Filho de vendedeira de loiça, em criança acompanhou a mãe nas vendas pelas feiras e mercados estremenhos. Eternizou algumas peripécias dessas viagens nas suas criações

**55. Vendedeira da loiça partida**

Década de 1980

Chacota

16 x 13 x 22 cm

Inv. MM.00165

Esta peça tem caráter biográfico para o autor. Ainda criança acompanhou de perto a saga das vendedeiras de loiça de barro da região de Mafra, immortalizando na sua obra os percalços desta atividade. Doado ao MMPRA por Baptista Coimbra, em 1995



56. História do Velho, do Rapaz e do Burro

Década de 1960

Barro vidrado policromado

19 x 9,5 x 15 (medida média de cada cena)

Olha Aquele Que tal É! Montado o Rapaz Que É Forte e o velho tropego A Pé!

Que Patetice Tão Rata! O Tamanhão De Burrinho e o Pobre Pequeno À Pata!

Apeiem-se, Almas de Breu! Querem matar o Burrinho? Aposto que não é seu!

Toleirões calcando lama! De que lhes serve o Burrinho? Dormem com ele na cama!

Olhem Dois Loucos varridos, Fazendo o Mundo As Avessas Tornados Burros do Burro!

Por mais Que A Gente se mate, nunca Tapa A boca Ao Mundo: Rapaz, Vamos Como Antes!

Inv. MM.00193.1 a MM.00193.6

Conjunto composto por seis cenas, inscritas na base, que de forma viva e acutilante, narra o conto tradicional do Velho, do Rapaz e do Burro. Este conto viria a ser reproduzido de novo na década de 1980

**57. Baco**

Década de 1980

Barro policromado

40 x Ø11,5 cm

Inv. MM.00183

Esta é uma das criações mais emblemáticas e originais de José Franco, que viria a influenciar as demais produções de outros barristas concelhios

BIBLIOGRAFIA

- ABELHO, Azinhal – *Barros de Estremoz*. [S. n.]: Panorama, 1964.
- ALMEIDA, Raul de – As artes populares no Concelho de Mafra. *Mensário das Casas do Povo*. Lisboa: Junta Central das Casas do Povo. 5: 59 (mai. 1951); p. 14.
- AZENHA, Eduardo – *Memórias de Eduardo Azenha*. 3ª ed. Santa Susana: Edição de autor, 1995.
- BASTO, J. L. Gonçalves – *A cerâmica popular das Ilhas dos Açores*. Sobral do Monte Agraço: Edição de autor, 1971.
- BRINGEL, Maria Manuel – Figuras de barro. *Boletim Cultural*'99. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. (2000); p. 156-180.
- BRINGEL, Maria Manuel – "Indústria oleira mafrense: um épico de resistência e perseverança". In *As Idades da Terra: formas e memórias da olaria portuguesa*. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2003. p. 126-137.
- BRINGEL, Maria Manuel – Os lobos do barro: contornos da indústria oleira mafrense. *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*. Barcelos: Museu de Olaria. 2ª série, nº 3 (2004); p. 54-73.
- BRINGEL, Maria Manuel – "Figurado de Mafra: uma visão do mundo". In FERNANDES, Isabel Maria (Ed.) – *Figurado português: de santos e diabos está o mundo cheio*. Porto: Civilização Editora, 2005. p. 135-147.
- CASTRO, João Osório de; BATALHA, Diogo – *A aldeia salaia de José Franco*. Mafra: Edições ELO, 2000.
- CASTRO, João Osório de – *José Franco. A razão de um sonho*. Mafra: Edições ELO, 2000.
- CASTRO, João Osório de – "José Franco, um português poeta do barro". In *Cultus*. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2001. p. 126-131.
- Catálogo da exposição *Oleiros de Idanha*. Idanha-a-Nova: Centro Cultural Raiano, 1997.
- CHAVES, Luís – Dois barristas populares nas tradições de Mafra. *O Concelho de Mafra*. Mafra. (3 mar. 1946).
- CHAVES, Luís – Acerca da louça popular de Mafra. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Lisboa. Série 2, nº 55-56 (1961); p. 159-168.
- CORREIA, Alberto – *Barristas populares de Ribolhos (Castro D'Aire)*. Viseu: Separata da Edição da Assembleia Distrital, [s. d.].
- CORREIA, Alberto – *Barristas populares de Molelos (Tondela)*. Viseu: Separata da Edição da Assembleia Distrital, [s. d.].
- CORREIA, Alberto – *Três mestres oleiros de Viseu*. Viseu: Instituto do Emprego e Formação Profissional, [s. d.].
- DIAS, Jorge – Da olaria primitiva ao torno de oleiro. *Revista de Etnografia*. Porto. 7: 4 (I), (jan. 1965); p. 5-31.
- Exposição: *Vasilhame de barro: do utilitário ao simbólico*. Mafra: Câmara Municipal, 2003. [Texto mimeografado]
- FAUSTINO, Agostinho – *José Franco e a sua Aldeia*. Museu Sobreiro: Edição do autor, 1988. [Texto mimeografado]
- FELGUEIRAS, Guilherme – A olaria popular na Estremadura. *Boletim da Junta de Província da Estremadura*. Lisboa: Junta de Província. 3 (1943); p. 329-333.
- FELGUEIRAS, Guilherme – O caprichismo burlesco dos oleiros mafrenses: as canecas antropomórficas das feiras estremenhas. *Comércio do Porto*. (13 abr. 1965).
- FELGUEIRAS, Guilherme – Matança do porco: a interpretação dada pelos oleiros-barristas gaienses. *Revista de Etnografia*. Porto: Junta Distrital do Porto. Vol. 6. Tomo 2: 12 (abr. 1966); p. 295-305.
- GALLOP, Rodney – *Portugal: a book of Folk ways*. Cambridge: University Press, 1961. [1ª. ed., 1936]
- GALRÃO, Carlos – As olarias de Mafra. *O Concelho de Mafra*. Mafra. (3 set. 1944).
- GANDRA, Manuel J. – *Catálogo da exposição Manuel Cipriano Gomes – de Mafra às Caldas e volta*. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, 1999.
- GANDRA, Manuel J. – *A cerâmica tradicional de Mafra*. Ericeira: Mar de Letras Editora, 1999a.
- GANDRA, Manuel J. – "José Franco". In *Mestres Artesãos do Século: artefactos do mundo por mãos portuguesas*. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2002. p. 32-37.
- GANDRA, Manuel J. – In memoriam dos barristas da região de Mafra. *Boletim Cultural* 2002. Mafra: Câmara Municipal. (2003); p. 402-507.
- GONÇALVES, Flávio – Assobios onomatopáicos dos barristas de Barcelos. *Cadernos de Etnografia*. 2ª série, nº 7. Barcelos: Museu de Cerâmica Popular Portuguesa, 1969.
- LEÃO, Manuel – As obras de Mafra e os oleiros de Gaia. *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e etnológicos*. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos. 2:2 (dez. 1998); p. 51-62.
- LEPIERRE, Charles – *Estudo químico e tecnológico sobre cerâmica portuguesa moderna*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899.
- LUCENA, Armando de – "Olarias de Mafra". In *Arte Popular: usos e costumes portugueses*. Vol. 2. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1943. p. 55-60.
- LUCENA, Armando de – As olarias de Mafra. *Diário de Notícias*. Lisboa. (7 jan. 1944).
- PEIXOTO, Rocha – *As olarias de Prado*. 2ª ed. Barcelos: Museu Regional de Cerâmica, 1966. [1ª ed. 1900]
- PORTELA, Raúl Veloso – *O figurado nos barristas de Mafra*. Mafra: Edição do autor, 1997.
- PORTELA, Raúl Veloso – O figurado nos barristas de Mafra. *Boletim Cultural*'96. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. (1997a); p. 195-206.
- PORTELA, Raúl Veloso – *Garrafas antropomórficas e bilhas zoomórficas. O Carrilhão*. Mafra. (15 mai. 2000).
- RIBEIRO, Cardim – *Arqueologia versus Ergologia. Cerâmica popular da Região Saloia e suas funções no quotidiano da sociedade tradicional*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1990.
- SANTOS JÚNIOR – "Bonecos de barro". In *Vida e arte do povo português*. Lisboa: Secretariado de Propaganda Nacional, 1940. p. 235-245.
- SILVA, Maria Cavaco; BATALHA, Diogo; VILLANI, Mafalda – *Menino de Barro: O Imaginário de Mestre José Franco*. Lisboa: Museu da Presidência, 2011.



CÂMARA MUNICIPAL DE MAFRA